

O “ADEUS” DE TERESA

A VEZ PRIMEIRA QUE EU FITEI TERESA,
COMO AS PLANTAS QUE ARRASTA A CORRENTEZA,
A VALSA NOS LEVOU NOS GIROS SEUS
E AMAMOS JUNTOS E DEPOIS NA SALA
“ADEUS” EU DISSE-LHE A TREMER CO’A FALA

E ELA, CORANDO, MURMUROU-ME: “ADEUS.”

UMA NOITE ENTREABRIU-SE UM REPOSTEIRO. . .

E DA ALCOVA SAÍA UM CAVALEIRO
ÍNDIA BEIJANDO UMA MULHER SEM VÉUS
ERA EU ERA A PÁLIDA TERESA!
“ADEUS” LHE DISSE CONSERVANDO-A PRESA

E ELA ENTRE BEIJOS MURMUROU-ME: “ADEUS!”

PASSARAM TEMPOS SEC’LOS DE DELÍRIO
PRAZERES DIVINAIS GOZOS DO EMPÍREO
... MAS UM DIA VOLVI AOS LARES MEUS.
PARTINDO EU DISSE – “VOLTAREI! DESCANSA!. . .”
ELA, CHORANDO MAIS QUE UMA CRIANÇA,

ELA EM SOLUÇOS MURMUROU-ME: “ADEUS!”

QUANDO VOLTEI ERA O PALÁCIO EM FESTA!
E A VOZ D’ELA E DE UM HOMEM LÁ NA ORQUESTRA
PREENCHIAM DE AMOR O AZUL DOS CÉUS.
ENTREI! ELA ME OLHOU BRANCA SURPRESA!
FOI A ÚLTIMA VEZ QUE EU VI TERESA!

E ELA ARQUEJANDO MURMUROU-ME: “ADEUS!”

([CASTRO ALVES](#))